

DO RACISMO MODERNO AO PAN-AFRICANISMO: ORIGENS, DISPUTAS E ENFRENTAMENTO

Nazito Pereira da Costa Júnior¹⁷

Resumo: O objetivo deste artigo é abordar no primeiro momento a origem histórica do racismo moderno e a sua difusão através de dois de seus colaboradores: Joseph de Gobineau e Hegel, cujos efeitos nefastos se estendem até os dias atuais. Para compreender esses pressupostos é necessário rever alguns acontecimentos, ideias científicas e filosóficas que vigoravam em plena modernidade europeia, quando ocorria a explosão da razão e suas convicções de progresso humano. A colonização e o tráfico de escravos negros foram intensificados e legitimados nesse período, o que demonstrou ser uma nítida contradição. No segundo momento, será exposto um dos conceitos epistêmicos da filosofia africana: o Pan-africanismo que surgiu no final do século XIX como movimento político, filosófico e social, sobretudo para combater a colonização, a segregação racial e o racismo no século XX. O suporte bibliográfico para essas concepções passou por Cheikh Anta Diop, Ivan Luiz Monteiro, Leila Leite Hernandez entre outros. Portanto, o tráfico negreiro revelou uma racionalidade perversa para justificar o que era injustificável, e a filosofia africana se contrapôs a esse pensamento ideológico racista.

Palavras-chave: Modernidade; Colonização; Racismo; Filosofia Africana; Pan-africanismo.

Resumé: Cet article vise, en premier lieu, à examiner les origines historiques du racisme moderne et sa diffusion à travers deux de ses complices: Joseph de Gobineau et Hegel, dont les effets néfastes se font encore sentir aujourd'hui. Pour comprendre ces postulats, il est nécessaire de revenir sur certains événements et idées scientifiques et philosophiques qui ont prévalu à l'apogée de la modernité européenne, période marquée par l'essor de la raison et la conviction du progrès humain. La colonisation et la traite des personnes noires réduites en esclavage se sont intensifiées et légitimées durant cette période, ce qui constitue une contradiction flagrante. En second lieu, nous présenterons un concept épistémique de la philosophie africaine: le panafricanisme, apparu à la fin du XIXe siècle comme un mouvement politique, philosophique et social, visant principalement à lutter contre la colonisation, la ségrégation raciale et le racisme

¹⁷ Nazito Pereira da Costa Júnior é professor de filosofia do Estado da Paraíba e do município de Campina Grande-PB. O autor é licenciado em filosofia pela UFRN, mestrado em filosofia pela UFPB e é doutorando do PPGF-UFS. Bolsista/Capes Orientador: Dr. Saulo Henrique Souza Silva. E-mail: nazitofilosofo@gmail.com.

au XXe siècle. Parmi les auteurs qui étayaient ces conceptions, on peut citer Cheikh Anta Diop, Ivan Luiz Monteiro et Leila Leite Hernandez. Par conséquent, la traite des esclaves révélait une justification perverse de l'injustifiable, et la philosophie africaine s'opposait à cette pensée idéologique raciste.

Mots-clés: Modernité; Colonisation; Racisme; Philosophie africaine; Panafricanisme.

Introdução

O progresso econômico da Europa renascentista e moderna aconteceu por causa da mão de obra barata do negro escravizado. “O moderno comércio de escravos negros foi considerado uma necessidade econômica antes do advento da máquina. Este duraria até meados do século XIX (1800’s)” (DIOP, 2024). Durante os quatro séculos de escravidão, do Renascimento à primeira metade do século XIX, a Europa omitiu e ignorou propositalmente o ‘mundo Preto’, concordando em não tocar em nada, além de suas riquezas materiais. Parece que teorias como humanismo, racionalismo, empirismo e iluminismo não foram capazes de ensinar ao homem europeu que a alteridade é uma condição legítima de humanidade.

Aprendemos muitas lições de suma importância com o racionalismo e a filosofia iluminista dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX respectivamente, como por exemplo: o foco na razão, o papel do sujeito cognoscente diante de si, esse mesmo sujeito diante das coisas exteriores (a natureza, as instituições sociais e políticas), o “Sapere aude”, isto é, ouse saber! Além destes, ficou largamente conhecido até hoje, o símbolo iluminista da Revolução Francesa: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Porém, os principais conceitos da filosofia iluminista não foram devidamente apreendidos nem tampouco praticados pela modernidade europeia, durante o período das “luzes”. Certamente faltou aquela “... coragem de fazer uso da sua própria razão!”, como bem dizia Kant. Todavia, até os dias atuais ainda convivemos com atrocidades cometidas por seres humanos, supostamente “educados” e “bem formados” em diversas universidades mundo a fora.

Observamos que durante todo o período moderno, a Europa, em geral, distorceu a personalidade moral e intelectual africana. No século das luzes, mais conhecido como iluminismo, o homem e a mulher oriundos de África foram inadequadamente e desumanamente associados a um ser “primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica”, apenas porque o europeu se achava superior ao africano devido à sua recente superioridade técnica (DIOP,

2025, p. 56). Essa caracterização do africano, imposta pelo europeu, justificaria e legitimaria insanamente a colonização e o tráfico de escravos. Desta forma, a condição social do negro no mundo moderno estava fadada ao escravismo, inventado literalmente pela mentalidade científica, racional e lógica nos primeiros séculos da era moderna e durante o século das luzes. Afinal, tratava-se de uma ideia estapafúrdia de que o ser humano preto não pensa e não teria a mesma capacidade racional, encontrada no homem branco europeu. É nessa contradição que nasce o racismo moderno, sobre o qual descreveremos um pouco mais.

Inicialmente procuramos evidenciar os dados históricos que relatam os acontecimentos através dos quais a Europa desenvolveu uma falsa teoria racista, isto é, a existência de povos com capacidade intelectual inferior ou inexistente, praticada principalmente contra africanos e povos colonizados das Américas e da Ásia. Todavia, o foco deste artigo será especificamente em torno do racismo criado contra negros e negras de África.

Abordamos aqui e refutamos as ideias absurdas e sem fundamentos científicos e filosóficos, de um racismo estúpido, ainda que tenham sido defendidas pela ciência moderna da época, como também por filósofos conhecidos e amplamente respeitados pelo círculo intelectual do período moderno. Obviamente, que nem todos os pensadores do período das luzes, concordaram com a insensatez racista daquela época. Por exemplo, Rousseau, Condorcet, Denis Diderot, Anton Wilhelm Amo, este último nascido na África e educado na Europa, falaremos um pouco sobre ele mais adiante.

Em torno da difusão do racismo na modernidade encontramos a contribuição de vários autores como David Hume, Voltaire, Montesquieu, Vacher de Lapouge, Lévy-Bruhl, Immanuel Kant, Joseph de Gobineau, Hegel e tantos outros, cujos textos permanecem habitualmente ocultados pela crítica filosófica, praticada na instituição universitária e principalmente no ensino médio (SOMET, 2016). Todavia, não iremos explorar todas essas concepções irracionais e injustas, pois optamos em fazer uma análise crítica, rever algumas citações de Gobineau e Hegel mais adiante. Embora Gobineau seja reconhecido como “pai do racismo científico” e precursor da filosofia nazista, o racismo moderno enquanto ideologia perversa, teve suas bases na legitimação do colonialismo e da escravização imposta por europeus.

Quando, como e por que teve início o racismo moderno?

As duas indagações acima são fundamentais para compreendermos adequadamente as razões e eventuais motivos da origem do racismo moderno. Ora, como estamos falando em

‘racismo moderno’, devemos concentrar a nossa atenção nos acontecimentos históricos, científicos e filosóficos da modernidade, que sustentaram o surgimento e a manutenção desse preconceito racial. Esse tipo de preconceito inviabilizou o progresso social e intelectual da esmagadora maioria da população negra mundial injustamente. Veremos os principais pontos, no início dos ‘tempos modernos’, a partir dos quais houve a propagação de uma ideologia racista contra os povos da África, da Ásia e das Américas.

Sobre a provável origem moderna do racismo, partimos da premissa de que, a colocação de Machado e Loras é bastante pertinente sobre esse ponto: “[...] a exploração da escravidão dos africanos e dos nativos das Américas – iniciada pelos cristãos portugueses no século XV – construiu um sistema de privilégio para os homens e mulheres brancos no Brasil e no mundo”, Machado e Loras (2017). Esse sistema de privilégio não foi criado para homens e mulheres negros e negras, mas para homens e mulheres brancos e brancas. D’Adesky, Medeiros e Borges (2002) afirmam que nos séculos XVI e XVII, houve de fato a existência de uma supremacia dos europeus sobre os povos colonizados e escravizados, e que tal situação justificava-se essencialmente em termos culturais e religiosos¹⁸.

Encontramos em Santos (1980) uma descrição didática e cronológica sobre os acontecimentos e pensamentos que desencadearam na criação e difusão do racismo moderno. Vejamos o texto do historiador e intelectual engajado na causa negra, que nos fornece uma sequência dos acontecimentos, a partir dos quais foi inventada a teoria racista, sendo consolidada na era moderna:

Durante a Idade Média (do século V ao XV), os europeus consideravam inferiores os não-cristãos – árabes, maometanos; africanos, inclusive egípcios; judeus de qualquer parte do globo; e asiáticos, inclusive chineses. Os europeus só haviam mudado de opinião a respeito dos germanos, francos e eslavos, os bárbaros de antes: é que tinham se convertido à fé de Cristo (SANTOS, 1980, p. 21)

Conforme lemos no trecho acima, o termômetro inicial para os europeus considerarem e respeitarem outros povos como prováveis aliados, e em certa medida como gente capaz de formular ideias abstratas, era contraditoriamente a conversão ao cristianismo. Desta forma, tais povos não seriam considerados inferiores, isto é, bárbaros. Além disso, bárbaro¹⁹ era todo

¹⁸ Cf. BORGES; MEDEIROS; D’ADESKY, 2002, p. 48-49.

¹⁹ É importante destacar que o termo ‘bárbaro’, foi usado de forma diferente por gregos e romanos. Para os primeiros, bárbaro era aquele que não falava grego, de modo que se constata aí uma das primeiras formas de racismo mais antigas; para os romanos, bárbaro era aquele que não tinha Direito, isto é, conjunto de leis que regulam a vida coletiva (SANTOS, 1980, p. 21). Em outras palavras, se não falava grego e não tinha Direito, significava dizer que não tinha capacidade de comunicação verbal bem-organizada, nem tampouco havia condições racionais para uma elaboração de leis coletivas. Santos fala em uma das “formas mais antigas de racismo” nesse contexto.

aquele que não falava grego, pois o idioma grego era considerado o único capaz de expressar ideias e sentimentos articulados e profundos (SANTOS, 1980, p. 20-21). Portanto, quem não se convertia ao cristianismo, continuava sendo bárbaro para o europeu medieval.

Veja outro trecho de Santos (1980), no qual ele insere cronologicamente o surgimento do racismo moderno a partir de uma característica específica: “Foi, porém, no limiar da época moderna, a partir dos anos 1400, que o racismo dos povos europeus amadureceu, passando a se basear na característica mais notável dos outros: a cor da pele” (1980, p. 21). Nos interessa aqui, evidenciar esse ponto inicial do racismo moderno, uma vez que suas raízes vieram praticamente da mesma cultura que o fez amadurecer no século XV em diante. A característica desse racismo destacado por Santos (1980), se apresenta na cor da pele, que teve como alvo principal, o preto do africano e de sua diáspora. Inclusive as formas mais pejorativas aviltadas por intelectuais europeus foram contra negras e negros, conforme veremos nos segundo e terceiro subtítulos deste trabalho.

Acabamos de demonstrar que o racismo moderno teve como base preparatória, o legado grego e romano, como se isso fosse algo natural, porém não foi isso que aconteceu, visto que se trata de um dado histórico, provocado pelo ser humano, mais conhecido como europeu branco, julgando-se superior e apresentando-se com arrogância sobre povos não cristãos, sobretudo de pele escura.

É importante afirmar que essa supremacia dos europeus sobre os povos colonizados e escravizados nunca foi um processo natural. Ao contrário disso, esse processo foi essencialmente artificial e desumano. O que levou o homem europeu branco, a se sentir superior em relação a outros povos, foi a sua ‘consciência limitante’ e contrária a razão, que ele próprio estabeleceu como um dos princípios do humanismo.

Note que muitos africanos foram capturados e escravizados desde o século XV, cujo processo de escravização se estendeu até o século XIX em diferentes países do globo. Ora, tendo ocorrido tal situação contra os africanos, esses povos foram taxados como primitivos, sem capacidade intelectual, moral e espiritual. Dessa forma, não faltaria nada para o preconceito racial manchar sua história e sua dignidade como se não pertencessem a mesma raça humana dos homens brancos. O que queremos dizer aqui é que, o racismo moderno teve suas raízes fundantes, alimentadas pela exploração da escravidão dos africanos, ideologicamente permitindo que o homem branco europeu, se sentisse superior, pela usurpação cometida contra

De nossa parte, percebemos que nesse mesmo contexto a semente do racismo foi plantada, cuja colheita veio com força bruta nos tempos modernos em diante.

vários povos da África. Esse foi um processo desumano, sujo e injusto pensado e articulado por vários europeus.

A partir dos anos de 1400 e nos séculos seguintes, o racismo foi difundido e defendido através das ideias e do comportamento de hostilidade da parte de alguns cientistas e filósofos europeus contra povos africanos e colonizados da América. Na sequência analisaremos o pensamento do Conde Arthur de Gobineau que escreveu um livro/ensaio sobre a desigualdade das raças humanas (1853), no qual ele aprofunda o seu racismo.

As insinuações e imprecisões de Joseph de Gobineau (1816-1882)

Vamos citar e analisar alguns trechos do pensamento de Arthur Joseph de Gobineau, um dos intelectuais mais proeminentes do racismo científico. Embora o pensador francês não tenha sido o primeiro proponente do racismo moderno, optamos em fazer uma análise de algumas de suas ideias, visto que ele é considerado o “pai” do racismo moderno que influenciou intelectuais do século XIX e XX.

Veja como Joseph de Gobineau, precursor da filosofia nazista fala sobre o Negro. O que ele afirma é um escárnio até mesmo naquele período em que o auge era ser reconhecido como homem de inteligência elevada. Todavia, o Negro para ele não era ser humano, senão um animal inferior. Para ele, o Negro tem dons artísticos ligados à sua sensibilidade, mas é muito limitada aos usos mais miseráveis:

[...] a fonte das artes é estranha para os instintos civilizatórios. Ela está escondida no sangue dos Pretos... Isso, você vai concordar, é uma coroa bastante linda que eu coloco na cabeça deformada do Negro, uma honra muito grande para ele ter o harmonioso Coro das Musas agrupado em torno dele. No entanto, a honra não é tão grande. Eu não disse que todas as ‘Piérides’²⁰ estão reunidas lá. Os mais nobres estão ausentes, aqueles que dependem de uma reflexão séria, aqueles que preferem a beleza à paixão (Gobineau apud Diop, 2025, p. 57).

Note que ele inicialmente parecia elogiar o negro, mas logo depois demonstrou seu racismo demente dizendo que “a fonte das artes está escondida no sangue dos Pretos [...] é uma coroa muito linda que eu coloco na cabeça deformada do Negro”. O racismo do diplomata francês acreditava que negro, não seria capaz de inspirar a criação artística, científica e

²⁰ Espécie de borboleta branca ou amarelo-clara cujas larvas devoram folhas de repolho e nabo. Percebe-se aí uma metáfora ‘Pierides’ usada por Gobineau para desclassificar as habilidades e capacidades do negro. Para ele o negro não possui qualidades nobres nem distinção de pensamento, se não apenas uma mera habilidade artística para a música e para dança. Não entraremos a qui nesse mérito, mas pensamos que os estudiosos das artes não concordam com o Sr. Gobineau em nada.

filosófica. Em outras palavras, Gobineau afirma que os homens de refinado saber não são negros nem estão admirando suas artes. E continua com discurso depreciativo, ridicularizando o Negro:

Deixe-nos traduzir para eles (os negros), versos da Odisseia, especialmente o encontro de Ulisses e Nausicaa, o exemplo mais sublime de inspiração pensativa, e eles cairão no sono. Pois para a simpatia ser despertada em qualquer ser humano, a sua inteligência primeiro deve ter entendido, e é aí que reside a dificuldade com o Negro... Sua sensibilidade artística, embora poderosa além de qualquer expressão, necessariamente continuará a ser limitada aos usos mais miseráveis... E assim, de todas as artes que a criatura preta prefere, a música está em primeiro lugar, na medida em que acaricia o ouvido com uma sucessão de sons e não requer nenhuma resposta da parte pensante do cérebro dele (Gobineau apud Diop, p. 57-58).

Na primeira frase acima, Gobineau continua sustentando o seu imprudente discurso, acerca da incapacidade de o negro pensar. Apenas uma mente repleta de preconceitos raciais e culturais sustenta tamanha imprecisão sobre a incapacidade artística, científica e filosófica do negro. O trecho acima, demonstra a enorme ignorância sobre a história e a cultura de África inexistentes na cabeça do diplomata francês. Note, que nem mesmo a sensibilidade artística do negro, que ele julgou ser poderosa, foi poupada. Aliás, o negro não é o único ser humano capaz de desenvolver habilidades artísticas, nem esta nunca foi a sua única capacidade emocional ou intelectual²¹. Lamentamos que o aristocrata e filósofo francês não se familiarizou com a história e cultura dos antigos egípcios, núbios, etíopes e bantos só para citar alguns dos povos mais sábios, criativos e inteligentes de África.

O próximo trecho de Gobineau reforça o que já dissemos. Inferimos que existe uma enorme lacuna no pensamento do Conde de Gobineau, a partir dos impropérios proferidos por ele. Depreendemos que há falta de conhecimento da história e da produção científica e filosófica dos africanos, ou ele emitiu palavras ocas jogadas ao vento baseadas no preconceito e na hostilidade. Preferíamos não citar trechos tão chulos, ofensivos e desrespeitosos contra o povo negro, mas para provar que um homem aparentemente decente, da alta sociedade francesa proferiu palavras injustas, para dizer o mínimo, decidimos citar textualmente o que ele escreveu:

Imagine um Bambara²² ouvindo uma das melodias que lhe agrada. Seu rosto se ilumina, seus olhos brilham. Ele ri e sua boca larga, brilhante em seu rosto escuro, mostra seus brancos dentes pontiagudos. Um clímax sexual ocorre... Inarticulados

²¹ Concordamos que o negro e a negra são naturalmente capazes de criação artística, científica e filosófica, tanto quanto o homem e a mulher de cor branca. Só para citar um homem branco admirado pelo mundo no século XX, veja o exemplo de Charles Chaplin um artista completo. Enfim, temos exemplos de todas as raças e não é possível eleger uma em específico como melhor ou pior que outra. Essa tarefa certamente é do racista.

²² Grupo étnico que vive no oeste de África. Os Bambaras (ou Bamana) são um grupo étnico que vive principalmente no oeste da África, especialmente no Mali, mas também em países como Burkina Faso e Senegal. São o maior grupo étnico no Mali, com a língua bambara sendo falada pela maioria da população.

sons tentam escapar de sua garganta, chocado pela paixão, grandes lágrimas escorrem de suas gordas bochechas; um pouco mais e ele gritaria. A música pára; ele está exausto. Com os nossos hábitos refinados, nós fizemos da arte algo tão intimamente ligado com sublimes meditações mentais e ideias científicas, que é apenas por abstração e certo esforço que somos capazes de incluir a dança (entre as artes). Para o Negro, a dança, junto com a música, é o objeto da paixão mais irresistível. Isto porque sensualidade significa quase tudo, senão tudo, na dança (GOBINEAU apud DIOP, 2025, p. 58).

Observamos no trecho acima o profundo menosprezo aviltante de Gobineau em relação as habilidades artísticas do negro, que para ele nada significa, além de gestos e sons desarticulados. Curiosamente ele fez esses e outros comentários ofensivos, depois de dizer que a sensibilidade artística do negro é poderosa. Deste modo, fica bastante evidente as imprecisões e contradições do filósofo francês acerca da capacidade do negro. Veja mais uma incoerência proferida pelo diplomata:

Consequentemente, o Negro possui no mais alto grau a faculdade sensual sem a qual nenhuma arte é possível. Por outro lado, a ausência de aptidões intelectuais torna-o completamente impotente para cultivar a arte, mesmo para apreciar o trabalho mais nobre que esta nobre aplicação da inteligência humana pode produzir. Para desenvolver suas faculdades, ele deve se unir com uma raça diferentemente dotada (GOBINEAU, apud DIOP, 2025, p. 58).

Para o diplomata francês, negro não tem aptidões intelectuais nem mesmo para cultivar as artes. Esta, e outras ofensas foram muito prejudiciais para o povo preto em geral. A ascensão social do povo negro encontraria muita dificuldade, pois pensadores como Gobineau e Hegel, legitimavam essa incapacidade do negro, mesmo com argumentos falaciosos. Ao dizer que para o negro desenvolver suas faculdades, devia se unir com uma raça, diferentemente dotada, Gobineau está se referindo evidentemente ao homem branco da Europa. Todavia, esqueceu de acrescentar que esse suposto dom do europeu, é dotado de preconceitos e ignorância sobre a história, cultura e ontologia da raça negra.

Em seu famoso livro *Essai sur l'inégalité des races humaines* (Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas) Gobineau opinou que o negro tem dons artísticos ligados à sua sensibilidade de animal inferior (Gobineau apud Diop, p. 57). Qual foi a sua contribuição com esse livro? Com certeza não houve contribuição positiva, senão negativa pelos motivos já referidos. O que ele promoveu com esse texto? Promoveu desinformação, ignorância, alienação e racismo. “Esse clima de alienação finalmente afetou profundamente a personalidade do Negro, especialmente o Preto educado que teve a oportunidade de tornar-se consciente da opinião pública mundial sobre ele e seu povo”, afirmou Diop (2025). Como dissemos acima, vários textos de diferentes pensadores europeus abordaram e disseminaram o racismo como algo natural. O pior de tudo isso, foi a naturalização de inferioridade humana imposta ao negro.

Imagine o quanto foram afetados, a preta e o preto sem nenhum letramento e sem formação técnica ou acadêmica, haja vista que essa condição de inferioridade lhes foi naturalizada. De tanto ouvir impropérios sobre sua raça, tiveram a “certeza” de que não seriam capazes de desenvolver seus potenciais racionais e políticos, tornarem-se gente grande, capazes de ascender socialmente e com sabedoria.

As falácias de Hegel sobre a África e os africanos

Seguimos refletindo sobre o pensamento de outro etnocentrista que também faz usos depreciativos e ofensivos sobre África e o africano. Ele é um dos nomes mais conhecido e respeitado na história da filosofia. Estamos falando de Friedrich Hegel. Na obra *Lições sobre a filosofia da história*, também traduzida apenas como *Filosofia da história*, Hegel usa as seguintes palavras para se referir a África e ao africano:

A África propriamente dita é a parte característica deste continente. Começamos pela consideração deste continente, porque em seguida podemos deixá-lo de lado, por assim dizer. Não tem interesse histórico próprio, senão o de que os homens vivem ali na barbárie e na selvageria, sem fornecer nenhum elemento à civilização. Por mais que retrocedamos na história, acharemos que a África está sempre fechada no contato com o resto do mundo, é um Eldorado recolhido em si mesmo, é o país criança, envolvido na escuridão da noite, aquém da luz da história consciente. [...] Nesta parte principal da África, não pode haver história (HEGEL apud HERNANDEZ, 2005, p. 20).

O primeiro equívoco do filósofo alemão é dizer que há uma “África propriamente dita”, situada ao Sul do Saara, ou seja, ele identifica como “verdadeira África”, apenas a África subsaariana. A forma como ele classifica esse continente é explicitamente negativa e altamente depreciativa. Para ele a África é um estado de selvageria, onde predomina a natureza, é um continente fechado, que segundo a sua descrição é um Eldorado, isto é, um lugar fictício, além de dizer que a África é uma criança. Essas são concepções estapafúrdias do idealista alemão. Com outras palavras, mas dizendo a mesma coisa ele reforça: “A África não é uma parte histórica do mundo; ela não tem movimento ou desenvolvimento a mostrar”.

Quando ele diz que a África é uma criança, essa mensagem fica clara para nós, pois para o alemão a África não se desenvolveu nem tampouco alcançou o ‘progresso da era moderna’. Porém, esse ‘progresso da era moderna’ não atingiu os seus principais objetivos. Por exemplo, conforme dissemos na introdução o símbolo iluminista da Revolução Francesa, não passou de uma bem articulada retórica: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Já dissemos que a ciência e a filosofia moderna não ensinaram o verdadeiro humanismo que faltou no período das “luzes”

europeia. Hegel diz literalmente que os africanos vivem ali na barbárie e na selvageria, de modo que não teriam dado nenhuma contribuição à civilização. Ele disse isso com base em quê? Se ele tivesse lido Heródoto, pelo menos nos capítulos referentes ao Egito²³, certamente não teria afirmado tantas inverdades.

Não entraremos aqui no debate sobre as três Áfricas divididas por Hegel (HERNANDEZ, 2005, p. 20), considerando que essa divisão é equivocada, pois como vimos acima, para ele só existe uma verdadeira África sem brilho, sem movimento, sem história e sem vida na concepção etnocêntrica e racista epistêmica do filósofo erudito da elite europeia.

Sobre o nativo da África subsaariana, o filósofo não economiza adjetivos desprezíveis sobre o caráter daqueles africanos. Segundo o nobre pensador o homem que vive naquela região “não tem vontade racional”, o que equivale dizer, “sem o elemento tido como pré-requisito para a transformação da realidade de acordo com critérios racionais, é um homem estúpido” (HEGEL, apud HERNANDEZ, 2005, p. 20-21). Essa referência a uma suposta estupidez humana presente no africano, continuou sendo reforçada no seguinte trecho:

No estado de selvageria achamos o africano, enquanto podemos observá-lo e assim tem permanecido. O negro representa o homem natural em toda a sua barbárie e violência; para compreendê-lo devemos esquecer todas as representações europeias. Devemos esquecer Deus e a lei moral. Para compreendê-lo exatamente, devemos abstrair de todo respeito e moralidade, de todo sentimento. Tudo isso está no homem em seu estado bruto, em cujo caráter em nada se encontra que pareça humano (HEGEL apud HERNANDEZ, 2005, p. 21).

No trecho que acabamos de ler, Hegel caracteriza o homem africano como natural, irracional e sem consciência moral. Não precisamos acrescentar mais nada, pois já entendemos que na obra *Filosofia da história*, Hegel cometeu etnocentrismo e racismo epistêmico contra a África e o africano. Deste modo, ele também colaborou com o processo de colonização em curso no período moderno, bem como com o tráfico negreiro, que estupidamente tratou negras e negros como objetos ou mercadorias. Em relação ao ponto que acabamos de analisar, o pensamento do filósofo Hegel não há nenhuma coerência lógica nem mesmo ideias correspondentes aos fatos, isto é, ao que se refere à plena capacidade de qualquer negro pensar

²³ Além do historiador Heródoto, encontramos outros intelectuais gregos (Estrabão, Diodoro da Sicília) que deixaram boas, positivas e profundas impressões sobre egípcios e etíopes, só para citar alguns dos povos africanos pesquisados por eles (DIOP, 2024, p...) Não devemos esquecer que quase todos os pré-socráticos, Sócrates, Platão e Aristóteles estiveram no Egito aprendendo com os sábios sacerdotes ou no mínimo foram beneficiados com verdadeiras informações acerca da história e cultura dos antigos egípcios (JAMES, 2022, p. 23-34). Além da polêmica e contundente pesquisa de James, existem outras produções que restauram e apresentam as concepções técnicas, científicas e filosóficas dos antigos egípcios, muito antes dos gregos. Por exemplo, temos intelectuais africanos e afrodescendentes como Anton Wilhelm Amo, Cheikh Anta Diop, Molefi Kete Asante, Théophile Obenga, Angela Yvonne Davis, Maulana Karenga, Yoporeka Somet entre tantos outros.

e produzir conhecimentos. O que ficou claro, foi tão somente perceber, que ele colaborou com a ideologia racista da época, que aliás, foi e continua sendo difundida até os nossos dias.

Na sequência você conhecerá inicialmente um pensador negro da era moderna, que costuma ser omitido para reforçar o racismo exposto pelo eurocentrismo. Logo depois, mostraremos como a filosofia africana através do Pan-africanismo, respondeu aos absurdos produzidos durante os séculos das “luzes”.

Um pensador africano da modernidade: Anton Wilhelm Amo (1703-1759)

Anton Wilhelm Amo (início do século XVIII): nascido na atual Gana (África) e educado na Europa, tornou-se um filósofo e professor em universidades alemãs, sendo um dos primeiros intelectuais negros a desafiar as ideias racistas da época, dentro do próprio contexto iluminista.

É importante destacar que Anton Wilhelm Amo foi um pensador singular que superou grandes obstáculos, de modo que de posse da ‘*fortuna e virtù* maquiaveliana’, ele soube aproveitar a oportunidade que teve junto com sua destacada inteligência e crescer intelectualmente. De acordo com Nascimento (2018), Anton Wilhelm Amo, o menino negro de Axim, foi levado da África ainda muito criança para estudar na Alemanha. Ele viveu no período iluminista, onde as instituições como igreja e escolas não tinham nenhum interesse em batizar e instruir crianças negras, para enfim, ser reconhecido como ser humano e não como animal inferior. A sua família não imaginava, que o destino daquela criança fosse tão promissor. O que se esperava que acontecesse com Amo, seria o que ocorreu com o seu irmão gêmeo, pois fora traficada como escravo para o Suriname, enquanto Amo foi enviado para estudar na Europa (NASCIMENTO, 2018, p. 183-184).

Amo foi um pensador de África, corretamente nomeado por Nascimento (2018) como “um negro no Iluminismo”²⁴, que se tornou o primeiro africano subsaariano a estudar e lecionar em universidades europeias (Halle e Jena). Transformou-se em um proeminente pensador do Iluminismo, mas não negou as suas origens nem tampouco a história do seu continente. Nesse contexto, defendeu a filosofia da mente e argumentou contra a escravidão, antes de retornar à África no fim da vida, marcando um importante legado na filosofia africana e diaspórica.

O nosso pensador ganês produziu sua filosofia a partir de algumas ideias presentes nas suas duas obras filosóficas conhecidas: “De humanae mentis apatheia” (Sobre a apatia da mente

²⁴ A maioria dos pensadores iluministas entroncharam o rosto ao ler essa sentença. Se Amo conseguiu progredir intelectualmente, significa dizer que nem todos entroncharam o rosto para ele, ao invés disso alguns sorriram.

humana - 1734) e “O tratado sobre a arte de filosofar com sobriedade e precisão” (1737) na tentativa de compreender os limites e as possibilidades da razão humana, conforme sustentou Nascimento (2018, p. 181). Note, que os títulos das obras mencionadas são pertinentes e contém claramente discussões filosóficas do período iluminista que não devem ser omitidas. Portanto, contamos com mais um filósofo africano, digno de pertencer a lista dos pensadores modernos, a despeito de ter sofrido exclusão até agora. Amo é um filósofo merecedor de reconhecimento acadêmico e em toda instituição escolar no Brasil, na África e no mundo.

A resposta do Pan-africanismo

Agora veremos como foi o procedimento de defesa dos africanos através da filosofia, usando uma ferramenta que Hegel disse não existir no homem africano: a concepção crítica e a inteligência humana. Conforme está registrado nos livros de história do Brasil e do mundo, e, em conformidade com o que já dissemos anteriormente, o povo africano foi impiedosamente humilhado e vilipendiado pela arrogância e ignorância de muitos intelectuais modernos.

O racismo é uma concepção ideológica que antecede e transcende o imperialismo colonial, um dos problemas que se alastrou mundo a fora até os nossos dias. Essa ideologia racista foi reforçada pela etnografia europeia da segunda metade do século XIX, defendendo que apenas os ocidentais seriam “mais aptos” e “mais capazes” para conceber e apresentar ideias sobre os povos coloniais (HERNANDEZ, 2005, p. 131), principalmente sobre os povos asiáticos e africanos. Inclusive, essa identidade imaginada dos povos coloniais partiu de um pressuposto do ‘racialismo europeu’²⁵ que naturalizou a submissão das raças, de modo que, tais raças seriam dos mundos dominados da Ásia e da África (HERNANDEZ, p. 131).

Entre racialismo e racismo há apenas uma sutil diferença. A ciência moderna, sobretudo no campo da biologia desenvolveu estudos sugerindo erroneamente e injustamente a existência de superioridade e inferioridade entre as raças. Diferente do racismo em si, que é a prática da discriminação, o racialismo foi a tentativa de dar uma base pseudocientífica a essa divisão, estabelecendo hierarquias de superioridade.²⁶

²⁵ O racialismo europeu refere-se ao conjunto de teorias desenvolvidas na Europa, principalmente entre os séculos XVIII e XIX, que buscavam classificar a humanidade em categorias biológicas distintas, denominadas “raças”. O racialismo contribuiu copiosamente com o racismo.

²⁶ Para maiores informações, recomenda-se a análise sobre o conceito de “raça” desenvolvida pela socióloga Leila Leite Hernandez, sobre o qual ela apresentou mais detalhes demonstrando os dados da biologia do século XIX (Cf. HERNANDEZ, 2005, p. 131-135).

Poderíamos aprofundar o campo de atuação da filosofia africana neste espaço, mas abordaremos apenas um dos seus eixos temáticos, chamado de Pan-africanismo. Estamos certos de que a filosofia africana da qual falamos, faz parte do “corpo que se convencionou chamar de filosofia da modernidade”²⁷.

O Pan-africanismo é um movimento pró-África, pró-africano e igualmente em defesa da diáspora africana. Esse movimento se indignou, criticou e se opôs veementemente ao colonialismo e a escravização de africanos. Estendeu a sua postura crítica à segregação racial, causada pela famigerada teoria nefasta do racismo e racismo. Se indignou e continua lutando contra injustiças, violência e opressão sofridas por africanos e afrodescendentes até os nossos dias, dentro e fora da África. Deste modo, o pan-africanismo seguiu combatendo toda forma de opressão contra negro, sobretudo contra o absurdo do racismo e dos males provocados por essa ideologia moderna, sustentada pela ciência e pela filosofia.

Monteiro deixou um registro histórico sobre o começo e uma breve, porém relevante análise do movimento pan-africano, revelando o pensamento de um dos seus principais criadores:

Iniciado no final do século XIX, o pan-africanismo foi impulsionado pelo sociólogo, historiador e ativista da causa negra William Edward Burghart Du Bois (1868-1963). Para ele, a segregação das pessoas negras foi o grande problema social do século XX: ‘jazem sepultadas neste local muitas coisas que, se lidas com paciência, podem mostrar o estranho significado de ser negro aqui, no alvorecer do Século Vinte. Este significado não é destituído de interesse para você, caro leitor, pois a questão do Século Vinte é o problema da linha da cor’. (MONTEIRO, 2020, p. 47).

Primeiro, destacamos aqui “o estranho significado de ser negro no alvorecer do século XX”. Em outras palavras, negras e negros entraram no século XX ainda taxados como primitivos, animais inferiores e em alguns casos, na “melhor das hipóteses”, como cidadãos de segunda classe. Du Bois, citado acima por Monteiro, fala com propriedade sobre o prejuízo causado ao conceito de ser negro, cujos adjetivos negativos e destituídos de sentido e denotação, foram naturalizados desde o colonialismo e a escravização, sendo reforçados pelas teorias racialistas e racistas da modernidade. Sendo assim, a importância das análises de intelectuais africanos e europeus comprometidos com a causa negra foi fundamental para o mundo compreender e rechaçar os absurdos cometidos pelo racismo e o racismo nascidos na modernidade.

²⁷ De acordo com Monteiro a “filosofia africana é dita moderna porque desponta como crítica ao processo colonizador e escravizador iniciado a partir da expansão comercial europeia” (MONTEIRO, 2020, p. 38). Inclusive, a colonização e a escravização de africanos reforçaram o racismo moderno, conforme já dissemos anteriormente.

Em segundo lugar, consideramos importante destacar que a Associação Africana (*African Association*) foi organizada em 1897, em Londres, Inglaterra. A Associação Africana foi criada pelo advogado trinidadiano Henry Sylvester Williams, com o objetivo de incentivar a unidade pan-africana e lutar em prol dos povos africanos, principalmente nas colônias britânicas. A Conferência Pan-Africana, ocorrida em Londres, em julho de 1900, é reconhecida como o marco inicial dos congressos pan-africanos. O trabalho iniciado em 1897 e a conferência de 1900, prepararam o caminho para os futuros congressos pan-africanos, sendo o próximo realizado em 1919 na cidade de Paris. Aliás, os cinco primeiros congressos pan-africanos foram realizados na primeira metade do século XX, mas eles foram precedidos pela Associação Africana ou primeira assembleia pan-africana, “na qual Du Bois apresentou uma comunicação às nações do mundo acentuando o ‘problema da linha de cor’, como a questão básica do século XX” (HERNANDEZ, 2005, p. 153).

Podemos tomar as palavras de Mucale, como outra referência para compreender esse movimento revolucionário pró-África. Para o autor moçambicano “Pan-africanismo é um movimento político-cultural surgido no século XX, defensor dos ideais dos africanos no continente e na diáspora” (MUCALE, 2023, p. 36). Porém, as raízes do Pan-africanismo, chamado de proto-pan-africanismo, vem desde a primeira revolta dos primeiros africanos escravizados até 1787, ano da fundação da Federação dos EUA (MUCALE, 2023, p. 36). Note que o sentimento de revolta e indignação dos africanos vem desde os primeiros momentos em que são capturados e forçados a deixar sua terra natal para trabalhar como animais em outros países. Por isso, consideramos que o movimento ocorrido no quilombo dos Palmares (Brasil), também foi um exemplo de resistência e insubmissão, devendo ser considerado como uma das raízes do pan-africanismo²⁸.

Tomando essa referência histórica de luta dos primeiros africanos escravizados, percebemos a não submissão, a não aceitação da condição de escravizado imposta pela força bruta. Essas constantes revoltas mostraram a bravura, coragem, consciência de classe e insubmissão ao tratamento desumanizado que recebiam. Notoriamente, os sentimentos de revolta passaram de geração a geração, influenciando pensadores brancos, ainda que poucos, mas sobretudo pensadores africanos e afrodescendentes da diáspora. Deste modo, podemos

²⁸ Essa revolta e resistência foi inicialmente de Ganga Zumba, depois assumida por Zumbi dos Palmares no final do século XVII, culminando com a destruição do quilombo dos Palmares em 1694 e sua morte em 20 de novembro de 1695. Após a queda da capital, Zumbi resistiu na região até ser traído e executado na Serra Dois Irmãos. Esse episódio é um exemplo de resistência e insubmissão negra, aos caprichos do imperialismo português no Brasil.

afirmar convictos de que o pan-africanismo, foi um movimento de conscientização e pertencimento ao espírito africano, necessário para resgatar os valores morais, intelectuais e estéticos da África e dos africanos.

Além do pan-africanismo, dentro desse contexto, existiram outros movimentos políticos, culturais e filosóficos como a diáspora negra e negritude, os três juntos formam o fundamento epistêmico da filosofia africana (MONTEIRO, 2020, p. 38-39). Aprendemos outros conceitos e temas ao estudar a filosofia africana. A temática dessa filosofia abrange reflexões da ancestralidade, sabedoria popular, sagacidade, política e ciência. Oruka escreveu um artigo especificamente sobre “Quatro tendências da atual filosofia africana”. Segundo ele, os temas da filosofia africana passam pela etnofilosofia, sagacidade filosófica, filosofia nacionalista-ideológica e filosofia profissional. Vale a pena conferir²⁹.

Conclusão

Refletimos no decorrer desse trabalho que a ideologia racista recebeu fundamentos teórico e prático durante toda modernidade, a partir do tráfico atlântico de escravos, que sustentou o sistema colonial do século XVI, sendo reforçada pelo imperialismo colonial de fins do século XIX na África. Essa ideologia recebeu apoio de teorias falaciosas da ciência, como exemplo, a biologia do século XIX (HERNANDEZ, 2005, p. 131-133), e, principalmente da filosofia moderna, sendo dois desses pensadores destacados neste trabalho.

Conforme já dissemos, nem todos os pensadores modernos foram racistas. Alguns defenderam com veemência a liberdade, igualdade e a capacidade de pensar do negro. Nas suas Reflexões sobre a escravidão dos negros (1781), Condorcet expressou as seguintes palavras, reconhecendo e valorizando os negros: “Embora não sendo da mesma cor, sempre vos observei como meus irmãos. A natureza formou-vos para ter o mesmo espírito, as mesmas virtudes que os brancos” (Condorcet, 1781 apud Hernandez, 2005, p. 134). Condorcet foi defensor do progresso moral da humanidade, acreditando na existência de um poder capaz de garantir a felicidade e a igualdade entre os homens brancos e negros. Além disso, como era de se esperar, de um integrante do *Clube des Amis des Noirs* (Clube de amigos dos Negros), “defendia a supressão do tráfico negreiro e a abolição da escravidão” (HERNANDEZ, 2005, p. 134).

²⁹ Cf. ORUKA, H. Odera. *Quatro tendências da atual Filosofia Africana*. Tradução para uso didático de ORUKA, H. Odera. Four trends in current African philosophy. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 120-124, por Sally Barcelos Melo.

Desta forma, podemos afirmar que, dado que no auge da modernidade, havia pensadores opositores ao sistema escravocrata e racista, sendo estes igualmente iluministas e enciclopedistas, então a nossa análise crítica não incorre em um anacronismo. Pelo contrário, a posição crítica e contundente que encontramos em alguns pensadores modernos como Jean-Jacques Rousseau, Marquês de Condorcet e Anton Wilhelm Amo, só para citar alguns, nos permite concluir que, aqueles que apressaram em afirmar a inferioridade e incapacidade intelectual do negro, já estavam essencialmente equivocados e passíveis de críticas contundentes.

O movimento político, cultural e filosófico que chamamos de pan-africanismo nasceu no final do século XIX, cujo objetivo principal foi se indignar, criticar e se opor veementemente ao colonialismo e a escravização de africanos. Além disso, valorizou e enalteceu a África, como também o caráter e a alma da mulher e do homem negro. Nesse contexto, devemos salientar igualmente a luta pela dignidade do negro como uma das bandeiras centrais do movimento pan-africano. Deste modo, aprendemos valiosas lições pan-africanas que devem continuar sendo princípios fundamentais de uma educação antirracista de ontem e de hoje. Por isso, veja na sequência, que além dos iluministas e enciclopedistas contrários às teorias racistas, somam-se aos primeiros o posicionamento contundente e legítimo, de vários políticos e intelectuais de várias partes do mundo, em diferentes momentos da história.

Abolicionistas e ativistas negros, Intelectuais negros como José do Patrocínio no Brasil (ligado ao abolicionismo) e, posteriormente, figuras como Marcus Garvey (pan-africanismo), Abdias Nascimento (um dos nomes mais notáveis do movimento antirracista brasileiro), e Frantz Fanon (psiquiatra e filósofo cujos escritos analisam o impacto psicológico e social do colonialismo e do racismo) refutaram veementemente as ideias de inferioridade racial e defenderam a plena humanidade e direitos dos africanos e afrodescendentes.

O posicionamento da UNESCO diante dos absurdos evidenciados pelo racialismo e racismo foi relevante e fundamental. Esse órgão internacional publicou estudos de cientistas de todo o mundo que desqualificaram as doutrinas racistas e demonstraram a unidade do gênero humano, refutando qualquer base científica para o racismo. No dia 16 de novembro de 1945, trinta e sete países assinam a carta que estabelece a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Na conferência, Ellen Wilkinson, então simultaneamente Ministra britânica da educação e presidente da Conferência geral, lê a recém-adotada Constituição. Em 1978 “A UNESCO adota a Declaração sobre a Raça e os Preconceitos

Raciais. Relatórios subsequentes do Diretor-Geral sobre esta questão contribuem para desacreditar e refutar os fundamentos pseudo-científicos do racismo”.³⁰

Esses pensadores e políticos, entre outros, desafiaram as narrativas dominantes da modernidade que frequentemente justificavam a escravidão e o colonialismo com teorias racistas, defendendo a igualdade fundamental e a capacidade intelectual dos povos africanos. Essa educação antirracista que numa correta medida aprendemos aqui, está alinhada a outra teoria de suma importância chamada de Direitos Humanos. Portanto, defender liberdade, igualdade racial e capacidade intelectual dos nossos ancestrais africanos antigos e modernos é uma questão de consciência, sabedoria e inteligência humana. Não entender essa realidade foge do caráter humano e divino da existência.

Referências bibliográficas

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; d’ADESKY, Jacques. *Racismo, preconceito e intolerância*. Coordenação: Wanderley Loconte. São Paulo: Atual, 2002.

DIOP, Cheikh Anta. *Nações Negras e cultura: da antiguidade negro-egípcia aos problemas culturais da África negra de hoje*. Tradução de Monica Stahel. Petrópolis: Vozes, 2025.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

JAMES, George G. M. *Legado roubado: a filosofia grega é a filosofia egípcia roubada*. Tradução de Wanessa A. S. P. Yano. São Paulo: Ananse, 2022.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias; LORAS, Alexandra Baldeh. *Gênios da humanidade: ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente*. São Paulo: DBA, 2017.

MUCALE, Ergimino Pedro. *Renascimento africano: retrospectivas e perspectivas*. Luanda: Paulinas, 2023.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes. Anton Wilhelm Amo. *Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia*, Marília, v. 10, n. 24, (Edição Especial), p. 179-195, dezembro 2018. Disponível em: <https://revista.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/8452/5409>. Acesso em: 18 janeiro 2026.

³⁰ Cf. <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/a-unesco/sobre-a-unesco/historia>. Acesso em 24/01/25.

ORUKA, H. Odera. *Quatro tendências da atual Filosofia Africana*. Tradução para uso didático de ORUKA, H. Odera. Four trends in current African philosophy. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 120-124.

SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo?*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SOMET, Yoporeka. A África e a filosofia. *Revista Sísifo*, local, v. 1, nº 4, novembro, 2016 - ISSN: 2359-3121. Disponível em www.revistasisifo.com Acesso em 05/01/2026

<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/a-unesco/sobre-a-unesco/historia>. Acesso em: 24/01/2026.